

Sindicalistas temem perdas salariais maiores

A Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Força Sindical não vão aceitar a transformação dos salários em Unidades de Referência (UR), caso o cálculo seja feito pela média de ganhos dos trabalhadores e não pelo pico. "Em 10 anos, por conta dos planos econômicos que instituíram pagamento pela média, a massa salarial brasileira caiu de 60% do Produto Interno Bruto (PIB) para 30%", protestou José Lopez Feijóo, presidente da CUT Estadual.

Lúcio Bellentani, diretor da Força Sindical, disse que o governo não deve esperar passividade do movimento sindical diante de regras novas. "Os muitos acordos que hoje repõem integralmente a inflação nos salários são intocáveis."

Feijóo disse que quebra de acordos não será tolerada. Ele lembrou que inúmeros sindicatos passaram a ganhar na Justiça, ou de forma negociada, reposições de valores expurgados nos planos anteriores. "A luta da CUT é pela recuperação do que se perdeu em 10 anos de arrocho."

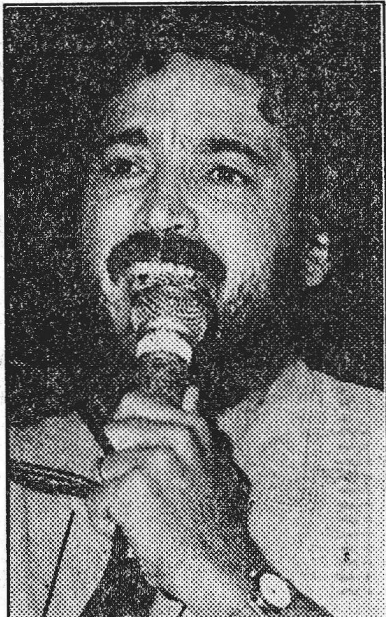
O aceno do ministro do Trabalho, Walter Borelli, de que haverá negociação antes de eventuais mudanças na política salarial, também não convenceu os dirigentes. Feijóo lembrou da aprovação pela Câmara Federal da política que previa reposição integral e mensal nos salários. O governo pediu para negociar, fez uma única reunião e baixou medida provisória, instituindo a política hoje em vigor, com redutor da inflação. "A negociação deles costuma ser uma consulta", disse. "Quando dizemos que não aceitamos, acaba a negociação e vem uma medida provisória."

Segundo Bellentani, falta "caci-fe" ao ministro para garantir resultados de uma negociação. "Gosto muito do Borelli, mas ele está desprestigiado", afirmou.

O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem, Paulo César Funghi, disse que a tendência da categoria é manter-se "na defensiva". Ele também acha que "as últimas políticas salariais trouxeram prejuízo aos trabalhadores e fica difícil dar um voto de confiança".

Apesar do ceticismo, Funghi ponderou que é preciso discutir uma nova política salarial. A idéia da UR para corrigir os salários é vista como "impossível" pelo vice-presidente da Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg), Roberto Maluf. Ele defende a livre negociação. "Em Minas, gostamos do preto no branco e é melhor aguardar as medidas definitivas", acrescentou.

Alberto Marques/AE



Feijóo: luta contra o arrocho